



SARAH MACLEAN

Autora Vencedora do Prémio RITA
Melhor Romance Histórico



10 SEGREDOS PARA SER SEDUZIDA POR UM LORDE

LADY ISABEL TOWNSEND
É UMA SOBREVIVENTE, UMA MULHER
QUE NUNCA DESISTE. MAS AGORA TERÁ PELA FRENTE
O MAIOR DESAFIO DA SUA VIDA: O AMOR.



TOP
SEL
LER

Prólogo



Não podemos negar que entre as jovens londrinas se está a espalhar uma verdadeira epidemia — uma trágica realidade que pinta um panorama desolador.

Estamos obviamente a referir-nos ao estado de solteira.

Existem tantas raparigas solteiras na nossa bela cidade que não podem desfrutar do sol brilhante da felicidade conjugal! Tantas jovens promessas que podem nunca vir a ter a oportunidade de florescer!

E assim, Estimada Leitora, no interesse do serviço público, compilámos uma lista de soluções para enfrentar a dura tarefa de conseguir um marido.

Humildemente apresentamos, 10 Segredos para Ser Seduzida por um Lorde.

Pearls & Pelisses
junho de 1823

Townsend Park
Dunscroft, Yorkshire

Lady Isabel Townsend encontrava-se na malcuidada sala de visitas do único lar que alguma vez havia conhecido, desejando que o ruído nos seus ouvidos diminuísse. Com os olhos semicerrados, observou o homem pálido e magro que se encontrava à sua frente.

— Foi o meu pai quem o enviou.

— Exatamente.

— Importava-se de repetir a última parte? — O mais certo era ter compreendido mal as palavras proferidas por aquele indesejável visitante.

O homem sorriu, com uma expressão vazia e desprovida de atractivos. O estômago de Isabel revoltou-se.

— Estamos noivos — disse, arrastando as sílabas que flutuaram no ar fazendo com que a sala parecesse, de súbito, demasiado pequena.

— E quando usa o plural... presumo que queira dizer...

— Sim, a senhora e eu vamos casar.

Isabel abanou a cabeça.

— Desculpe, e o senhor chama-se...?

Ele fez uma pausa, claramente pouco satisfeito com a ideia de que ela não havia prestado atenção ao que ele dissera.

— Chamo-me Asperton. Lionel Asperton.

Isabel fez uma nota mental de forma a apreciar o desafortunado nome mais tarde. Naquele momento, tinha de lidar com aquele homem. Que não parecia ser muito inteligente. Facto que não a surpreendia, pois já há muito que aprendera que os homens que se relacionavam com o seu pai raramente possuíam algum intelecto.

— E como foi que ficámos noivos, senhor Asperton?

— Ganhei-a.

Isabel fechou os olhos numa tentativa de permanecer calma e de esconder a ira e a dor que aquelas palavras lhe provocavam. *Sempre* que as escutava. Encarou-o uma vez mais.

— Ganhou-me.

O homem nem sequer tivera a elegância de se fingir envergonhado.

— Sim. O seu pai apostou-a.

— Claro que sim. — Isabel exalou a sua frustração num pequeno sopro de ar. — Contra o quê?

— Cem libras.

— Bem. Isso é um pouco mais do que o habitual.

Asperton descartou aquelas palavras crípticas aproximando-se dela. A avaliar pelo sorriso, o tipo estava bastante seguro de si próprio.

— Ganhei o jogo. Agora é minha. Por direito. — Estendeu a mão, fazendo deslizar um dedo pela face de Isabel. Depois baixou o tom de voz e declarou num sussurro. — Creio que iremos ambos apreciar bastante a nossa união.

Ela permaneceu imóvel. A sua força de vontade era a única coisa que a impedia de estremecer face àquela ameaça.

— Eu não tenho assim tanta certeza.

Ele inclinou-se, e Isabel ficou paralisada a olhar para os lábios do homem — vermelhos e cerosos. Afastou-se, desesperada por manter alguma distância, quando ele disse:

— Então terei de a convencer do contrário.

Antes mesmo que ele conseguisse aproximar-se mais, ela fugiu daquele toque e da proximidade que a incomodava, refugiando-se atrás de uma cadeira velha e gasta. Os olhos do homem pareceram cintilar enquanto a seguia.

Ele gostava da perseguição.

Isabel tinha de pôr fim àquilo. O quanto antes.

— Temo que tenha vindo de tão longe para nada, senhor Asperton. Sabe, há muito que sou maior de idade. O meu pai... — Fez uma pausa, por conta do mau sabor que aquela palavra lhe deixava na boca — ... devia saber que apostar-me não é boa ideia. Nunca resultou antes. E certamente que não vai resultar agora.

De olhos esbugalhados, o homem parou de a perseguir.

— Ele já fez isto antes?

— Estou a ver que apostar a única filha uma vez é correto, contudo, fazê-lo várias vezes parece ofender a sua sensibilidade?

Asperton escancarou a boca.

— Claro!

— Porquê? - disse Isabel fitando o seu aspirante a noivo.

— Porque ele sabia que, em última instância, não iria cumprir a sua aposta!

O homem era, sem dúvida alguma, um conhecido do seu pai.

— Sim. Essa é obviamente a única razão para considerar esta situação uma ofensa insustentável — comentou Isabel com ironia, voltando-se abruptamente e abrindo a porta da sala. — Lamento, senhor Asperton, mas é o sétimo homem que vem reclamar-me como sua noiva. — Não conseguiu conter um sorriso ao ver a surpresa no rosto dele. — E, nesse caso, também será o sétimo homem a sair de Townsend Park solteiro.

Asperton abriu a boca e fechou-a logo de seguida — os seus lábios carnudos faziam-no parecer um bacalhau.

Isabel contou até cinco.

Eles perdiam sempre a calma antes de ela chegar ao fim da contagem.

— Isto não fica assim! Prometeram-me uma esposa! A filha de um conde! — A voz do homem elevava-se e adquirira um tom nasalado; o tom que Isabel havia sempre associado aos ociosos e desagradáveis peraltas que confraternizavam com o seu pai.

Não que tivesse visto o pai uma única vez nos últimos seis anos.

Cruzou os braços e mostrou ao homem o seu olhar mais compreensivo.

— Pois, estou a ver. E imagino que ele também terá referido um dote considerável, não?

Os olhos dele iluminaram-se ao ver que finalmente ela o compreendia.

— Precisamente.

Quase chegou a sentir pena dele. Quase.

— Bem, temo que isso também não exista. — Ele franziu o sobrolho. — Aceita um chá?

Isabel viu como as engrenagens do cérebro de Asperton se moviam, completando a sua rotação de forma lenta antes de anunciar:

— Não! Não aceito um chá! Vim por causa de uma esposa e vou sair daqui com uma esposa! Consigo!

Tentando manter-se calma, Isabel suspirou e disse:

— Tinha esperança de que não chegássemos a isto.

Asperton encheu o peito de ar ao ouvir aquelas palavras, não compreendendo o seu significado.

— Acredito que sim. Mas não vou sair desta casa sem a esposa que me prometeram! A senhora pertence-me! Por direito!

Precipitou-se então para ela. *Era o que eles faziam sempre.* Isabel desviou-se para o lado e ele saiu pela porta aberta, cambaleando para o vestíbulo.

Onde as mulheres esperavam.

Isabel seguiu-o até ao vestíbulo, vendo-o endireitar-se ao mesmo tempo que reparava nas três mulheres que ali se encontravam como soldados bem treinados; uma muralha de defesa entre ele e a porta de casa. Certamente que nunca antes havia visto mulheres como aquelas.

Claro que nunca suspeitaria que estava a olhar para três mulheres. Isabel sempre soubera que os homens tinham tendência para ver apenas aquilo que desejavam ver.

Observou como o olhar dele oscilava entre o *cozinheiro*, o *estribeiro-mor* e o *mordomo*.

Virou-se para Isabel.

— O que se passa aqui?

O *estribeiro-mor* bateu com o chicote enrolado numa das coxas, o barulho seco do couro fazendo Asperton estremecer.

— Não apreciamos que levante a voz quando fala com uma senhora, senhor.

Isabel observou-o a engolir em seco.

— Eu... Eu sou...

— Bem, está visto que *não* é nenhum cavalheiro; a avaliar pela forma como se precipitou para fora da sala. — O *cozinheiro* apontou para a sala de visitas com o seu enorme e pesado rolo da massa.

Ele voltou a olhar para Isabel e esta fez um pequeno e feminino encolher de ombros como que a dizer: *Não posso fazer nada...*

— De certeza que não estava a tentar agarrar Lady Isabel contra a sua vontade. — Isto foi dito pelo *mordomo*, que, com o seu traje perfeitamente engomado, examinava indolentemente a ponta do sabre que segurava. Isabel esforçou-se ao máximo por não olhar para o espaço vazio na parede de onde a antiga — e provavelmente muito embotada — espada havia saído.

Realmente, elas tinham um fraco pelo dramatismo.

— Eu... Não!

Instalou-se um demorado silêncio enquanto Isabel observava a película de suor que tomava conta do sobrolho do senhor Asperton. Viu como a respiração dele acelerou e, só nessa altura, decidiu que estava na hora de intervir.

— O senhor Asperton já estava de saída — informou ela num tom prestável. — Não é verdade?

Ele anuiu nervosamente, hipnotizado pelos movimentos lentos, circulares e ameaçadores do chicote de Kate.

— Eu... sim, estava.

— Não me parece que vá regressar. Pois não, senhor Asperton?

Ele demorou a responder. Kate deixou cair o suave cabedal do chicote até ao chão e o súbito movimento acordou-o daquele transe. Ficou quase em sentido e abanou a cabeça com firmeza.

— Não. Creio que não.

A ponta do sabre de Jane atingiu o mármore, produzindo um som metálico no enorme espaço vazio.

Isabel abriu muito os olhos e baixou o tom de voz até se transformar quase num murmúrio.

— Eu diria que deseja reformular a sua resposta. Convém ter a *certeza*.

Ele tossicou e apressou-se a dizer:

— Sim. Claro. Quero dizer... não. Não voltarei.

Isabel mostrou-lhe um sorriso largo e cordial.

— Excelente. Sendo assim, despeço-me. Estou certa que saberá encontrar a saída. — Apontou para a porta, naquele momento flanqueada pelas três mulheres. — Adeus.

Regressou à sala de visitas, fechando a porta e aproximando-se da janela a tempo de ver como o homem descia as escadas de Townsend Park com celeridade e montava o seu cavalo, afastando-se a toda a pressa como se o Diabo o perseguisse.

Isabel soltou um enorme suspiro.

Só nessa altura permitiu que as lágrimas lhe invadissem o rosto.

O seu pai tinha-a apostado num jogo.

Outra vez.

Da primeira vez doera bem mais. Por aquela altura já devia ter-se habituado a que a tratasse assim, mas a verdade é que aquilo nunca deixava de a surpreender.

Como se, algum dia, tudo pudesse ser diferente.

Como se, algum dia, ele pudesse pensar noutra pessoa que não em si próprio.

Como se, algum dia, ele pudesse preocupar-se com ela.

Como se, algum dia, *alguém* pudesse chegar a preocupar-se com ela.

Por momentos, permitiu-se pensar no seu pai. *O Condenável*, alcunha colocada pela própria aristocracia, que o considerava o mais condenável dos condes. Um homem que havia deixado a mulher e os filhos escondidos no campo e que regressara a Londres para levar uma vida de imoralidade e escândalo. Um homem que nunca quisera saber da família: nem quando a esposa falecera; nem quando os seus criados, determinados a não passar nem mais um dia sem salário, abandonaram os seus postos de trabalho; nem quando a filha lhe enviara carta atrás de carta implorando que regressasse

a Townsend Park e recuperasse a antiga glória da casa de campo. Não pedia por ela, mas pelo seu irmão, o herdeiro.

A única vez que havia regressado...

Não. Não ia pensar nisso.

O seu pai. O homem que tinha roubado a alegria de viver à mãe dela. O que privara o irmão dela de uma figura paterna desde que era um bebé.

Se não os tivesse abandonado, Isabel nunca se teria visto obrigada a ficar responsável por tudo. Havia aceitado o desafio, empenhando todos os seus esforços em manter a casa de pé e comida na mesa. Embora não se revelasse lucrativa, a propriedade conseguira, a muito custo, manter os seus habitantes e inquilinos, isso enquanto o seu pai gastava até ao último centavo os rendimentos provenientes das terras em atividades escandalosas.

Sempre houvera o suficiente para comer, e a má reputação d'*O Condenável* mantivera os visitantes mais curiosos longe da porta de Townsend Park, permitindo a Isabel povoar a casa e os alojamentos dos criados como desejasse, longe dos olhares indiscretos da sociedade.

Contudo, isso não a impedia de desejar que tudo tivesse sido diferente.

De desejar ter tido a oportunidade de ser tudo aquilo que as filhas de condes nasceram para ser. De desejar ter sido educada sem uma única preocupação que lhe atormentasse a mente. Não albergando dúvidas de que um dia chegaria a sua vez de brilhar; de que um dia seria cortejada devidamente — por um homem que a desejasse pelo que ela era, não como um prémio de um jogo de azar.

De desejar que não estivesse tão só.

Não que desejar alguma vez a tivesse ajudado.

A porta da sala abriu-se e fechou-se silenciosamente, e Isabel deixou escapar uma pequena gargalhada autodepreciativa, ao mesmo tempo que limpava as lágrimas do rosto. Por fim, voltou-se e encarou a expressão séria de Jane.

— Não devias tê-lo ameaçado.

— Ele mereceu — argumentou Jane, que representava o papel de mordomo.

Isabel assentiu. Nos minutos finais, Asperton tinha tomado o lugar do seu pai. Os seus olhos encheram-se novamente de lágrimas, mas dessa vez soube contê-las.

— Odeio-o — murmurou.

— Eu sei — disse a mordomo, sem se mover do umbral da porta.

— Se ele estivesse aqui, matá-lo-ia com todo o prazer.

Jane anuiu uma vez com a cabeça.

— Bem, parece-me que isso não será necessário. — Levantou a mão e mostrou-lhe um documento. — Isabel, o conde... está morto.

Capítulo 1



E que utilidade teriam estes segredos, Estimada Leitora, sem um lorde passível de ser caçado? Sem um cavalheiro que tenhamos estudado aplicadamente? A resposta, claro, é que não serviriam para nada.

Não seremos, então, as mais afortunadas jovens do mundo por existirem na nossa cidade os melhores e os mais inteligentes candidatos, os mais encantadores e atraentes? Os mais ricos e educados que deambulam solitários pelas ruas, ansiando apenas por uma esposa?

Encontrar estes modelos ideais de cavalheirismo é uma tarefa intimidante, mas nada tema, Estimada Leitora! Realizámos esse trabalho por si. Percorremos a cidade em busca dos cavalheiros mais dignos da vossa inestimável e desenfreada atenção.

Considere, se assim o desejar, o primeiro da nossa lista de lordes eminentemente desejáveis...

Pearls & Pelisses
junho de 1823

O piscar de olho da loira junto à porta foi a última gota. Lorde Nicholas St. John afundou-se ainda mais na sua cadeira, praguejando em voz baixa. Quem poderia imaginar que um tolo superlativo, outorgado de forma tão despreocupada por uma revista feminina, acabaria por transformar todas as senhoras de Londres num bando de imbecis?

Ao início até tinha achado piada — um divertimento bem-vindo. Começou a preocupar-se quando chegaram os convites. Contudo, só se apercebeu de que estava metido num belo enleio quando o relógio da sua residência em St. James anunciou as duas horas e Lady Ponsonby se apresentou ali com a desculpa de ter negócios a tratar — qualquer coisa a ver com uma estátua que havia recentemente adquirido no Sul de Itália. Nick sabia bem o que ela desejava. Só havia uma razão para a viperina Lady Ponsonby aparecer na casa de um homem solteiro — uma razão que Lorde Ponsonby não apreciaria nem um pouco.

Assim, achou por bem fugir. Primeiro foi para a Real Sociedade de Antiguidades, onde se escondeu na biblioteca, longe de todos aqueles que tinham ouvido falar de uma revista feminina, para ler uma. Infelizmente, o jornalista — Nick ficou surpreendido com a utilização da palavra — tinha investigado a fundo os seus hábitos e, uma hora depois, o lacaio anunciava a chegada de quatro mulheres de diferentes idades e proveniências, todas com uma necessidade urgente de o consultar a propósito de umas estátuas de mármore que possuíam. Todas insistiam que ele era a única pessoa que podia ajudá-las.

Nick resmoneou para a bebida ao recordar o incidente. *Estátuas de mármore, pois sim.*

Gratificara generosamente o lacaio pela sua descrição e escapara de novo, dessa vez com menos dignidade, pela porta de entrada das traseiras do edifício que dava para uma estreita e sórdida viela, o que não ajudou em nada a melhorar o seu humor. Baixando a aba do chapéu para ocultar a sua identidade, dirigiu-se para um novo santuário, o Cão e a Pomba, onde se havia escondido num canto escuro durante as últimas horas.

Estava encurralado.

Normalmente, de cada vez que uma voluptuosa moça de taberna o fitava de forma lânguida, ele estava mais do que disposto a apreciar os seus encantos. Porém, aquela mulher em particular era a décima quarta que se lhe oferecia nesse dia, e já começava a ficar farto. Franziu o sobrolho para a rapariga e, em seguida, para a cerveja que bebia, sentindo-se cada vez mais deprimido e irritado.

— Tenho de arranjar maneira de sair desta maldita cidade.

A profunda e retumbante gargalhada que se ouviu na mesa ao lado não o deixou mais bem-disposto.

— Não duvides que podia mandar-te de volta para a Turquia no próximo navio — resmungou Nick.

— Espero bem que não o faças. Detestaria perder a conclusão deste divertido drama. — O seu companheiro, Durukhan, virou-se e olhou por cima do ombro, observando com indolência a atraente jovem. — Que pena. Nem sequer olhou para mim.

— É uma rapariga esperta.

— O mais provável é acreditar em tudo o que lê nas revistas. — Rock soltou uma gargalhada ao ver que Nick franzira ainda mais o sobrolho. — Ora, Nick, é assim tão horrível? As mulheres de Londres foram publicamente informadas da tua... disponibilidade.

Nick recordou a pilha de convites que o esperava em casa — todos de famílias com uma filha solteira — e deu um gole demorado na sua cerveja. Pousando a caneca de estanho sobre a mesa, murmurou:

— É horrível, podes ter a certeza.

— Eu, se fosse a ti, tirava partido da situação. Agora podes ter qualquer mulher que desejares.

Nick fitou o amigo com um olhar gélido.

— Já tinha do que me queixar antes de sair o artigo na revista, obrigado.

A resposta de Rock foi um grunhido evasivo ao mesmo tempo que acenava para chamar a empregada. Como uma seta disparada por um arco, ela aproximou-se da mesa com celeridade e determinação. Inclinando-se sobre Nick para melhor exhibir as suas generosas curvas, perguntou num sussurro ronronado.

— Senhor, deseja... alguma coisa?

— Desejamos, sim — respondeu Rock.

A descarada mulher sentou-se no colo de Nick, aproximando ainda mais o seu corpo do dele.

— Eu posso ser tudo o que desejar, amor — declarou ela em voz baixa e num tom ardente, ao mesmo tempo que pressionava os seios contra o peito dele. — Tudo o que desejar.

Ele afastou-lhe o braço com o qual ela lhe rodeava o pescoço e retirou uma coroa do bolso.

— É uma oferta deveras tentadora, sem dúvida — assegurou, pressionando a moeda contra a palma da mão da jovem e obrigando-a a pôr-se de pé. — Mas desejo apenas mais cerveja. Esta noite é melhor procurares companhia noutra lado.

Depois de esboçar uma expressão de momentânea surpresa, a jovem virou a sua atenção para Rock, observando de forma apreciativa o seu peito largo, a pele escura e os braços musculados.

— E o senhor, tem algum desejo? Algumas das raparigas não gostam de homens escuros, mas eu não tenho nada contra.

Rock não se moveu, todavia, Nick apercebeu-se da tensão nos ombros do amigo ao ouvir a referência à cor da sua pele.

— Vai procurar outro — atirou o turco, virando as costas à empregada.

Ela fez um ar de desprezo e afastou-se — para ir buscar mais cerveja, Nick assim o esperava. Enquanto a observava a atravessar a sala, deu-se conta da penetrante atenção que as demais mulheres presentes lhe prestavam.

— São predadoras. Cada uma delas.

— Estava mais do que na hora de o *bulan* saber, finalmente, o que é ser caçado.

Nick fez um esgar ao ouvir a palavra turca e ao rememorar a longa história que lhe estava associada. Há anos que ninguém lhe chamava *bulan* — o caçador. O nome já não queria dizer nada; não passava de uma recordação dos dias passados no Oriente, no Império Otomano, quando era outra pessoa — alguém sem nome — e possuía apenas uma habilidade; que acabaria por provocar a sua ruína.

Não lhe escapava a ironia de tudo aquilo. Os seus dias na Turquia haviam chegado ao fim de forma brusca quando uma mulher se fixara nele e Nick cometera o erro de se deixar apanhar, literalmente.

Passara 22 dias numa prisão turca antes de ser salvo por Rock e levado para a Grécia, onde jurara pôr fim aos seus dias de *bulan*.

A maioria das vezes sentia-se satisfeito por ter posto fim às suas aventuras... aliviado por ter regressado a Londres, aos seus negócios e antiguidades. Contudo, havia dias em que sentia falta de qualquer coisa.

Ainda assim, preferia bem mais ser caçador do que presa.

— As mulheres portam-se sempre assim ao pé de ti — salientou Rock, acordando Nick do seu devaneio. — Tu é que só agora te deste conta. Não que eu alguma vez tivesse compreendido o interesse delas. Afinal, não passas de um feio filho da...

— Queres levar uma tarefa, não é?

O turco esboçou um largo sorriso.

— Lutar comigo numa taberna não seria um comportamento adequado a quem é considerado um modelo ideal de cavalheirismo.

Nick mirou o amigo com os olhos semicerrados.

— Estou disposto a arriscar essa reputação só para te arrancar esse sorriso do rosto.

Rock soltou uma gargalhada.

— Se pensas que serias capaz de o fazer é porque todo este interesse feminino te derreteu os miolos. — Inclinou-se para a frente, apoiando os braços na mesa e exibindo ainda mais os seus músculos. — O que aconteceu ao teu sentido de humor? Terias achado tudo isto muito divertido se tivesse acontecido comigo. Ou com o teu irmão.

— Não obstante, está a acontecer comigo. — Nick observou a sala e gemeu quando a porta da taberna se abriu e entrou um homem alto de cabelo escuro. O recém-chegado deteve-se no interior da sala para olhar em redor antes de fixar os seus olhos azuis em Nick. Arqueou divertido uma solitária sobrancelha e começou a abrir caminho por entre a turba que enchia a taberna.

Nick fitou Rock com uma expressão acusadora.

— Estás a pedir que te mande de volta para a Turquia. Ai estás, estás.

Rock olhou por cima do ombro e sorriu ao ver a corpulenta figura que se aproximava deles.

— Teria sido muito pouco simpático da minha parte não o convidar a participar na diversão.

— Mas que grande sorte a minha. Confesso que cheguei a pensar que não iria conseguir aproximar-me do Lorde Mais Que Perfeito — disse uma voz rouca num tom divertido, e Nick levantou a cabeça para ver o seu irmão gémeo, Gabriel St. John, o Marquês de Ralston. Rock ergueu-se e deu uma palmada nas costas de Gabriel, fazendo-lhe sinal para que se juntasse a eles. Uma vez sentado, Ralston declarou: — Logo vi que estarias aqui... — Fez uma pausa. — Escondido como um cobarde.

Nick arqueou as sobrancelhas ao mesmo tempo que Rock soltava uma gargalhada.

— Tinha acabado de referir que se esse epíteto tivesse recaído sobre ti, o Nick ter-se-ia divertido bastante às tuas custas.

Gabriel recostou-se na cadeira, com um sorriso de orelha a orelha.

— Tenho a certeza de que sim. Mas não pareces muito satisfeito, meu irmão. O que se passa?

— Suponho que estejas aqui para fazeres pouco da minha desgraça — afirmou Nick. — Deves ter coisas melhores para fazer. Não era melhor estares em casa a entreter a tua esposa?

— Na verdade, até tenho — confirmou Gabriel. — Embora, para ser franco, foi ela que me empurrou para fora de casa para que te procurasse. Planeia dar um jantar na quinta-feira e reservou lugar para vocês os dois. Não deseja que Lorde Nicholas se dedique a vaguear triste pelas ruas em busca de esposa.

Rock sorriu tolamente.

— É bem possível que o fizesse se não fosse esse convite.

Nick ignorou o amigo.

— A Callie também lê essa porcaria? — Tinha esperanças de que a sua cunhada estivesse acima dessas coisas. Mas se ela também lia, não havia fuga possível.

Gabriel inclinou-se para a frente.

— Esta semana? Toda a gente leu. Trouxeste respeitabilidade ao nome St. John, Nick. Finalmente. Bom trabalho.

A empregada regressou nessa altura com outra rodada. Um brilho de surpresa, seguido por outro de prazer, inundou os seus olhos quando olhou para Nick, depois para Gabriel, e novamente para o primeiro. Os gémeos eram coisa rara e as pessoas tinham tendência para olhar fixamente quando os irmãos St. John apareciam juntos em público. Nick não tinha paciência para a curiosidade da empregada e olhou para o outro lado enquanto Gabriel pagava à rapariga, dizendo:

— Tenho a certeza de que as mulheres que me cobiçaram devem estar felizes da vida por poderem ter uma segunda oportunidade. Tenhas título ou não, pelo menos, partilhas o meu bom aspeto.

Os olhos azuis de Nick centraram-se no seu irmão e no seu amigo, que riam como idiotas. Levantando a caneca de cerveja, brindou a ambos.

— Que possam ir os dois para o inferno.

O seu irmão ergueu também a sua caneca.

— Acredito que valeria a pena, só para te ver tão furioso. Sabes, ser considerado um bom partido não é assim tão mau, Nick. Garanto-te que o casamento não é a prisão que em tempos acreditei que seria. É bastante agradável.

Nick recostou-se na sua cadeira.

— A Callie transformou-te num coração mole, Gabriel. Já não te recordas da angústia que era teres todas aquelas mães e filhas a cacarejarem à tua volta, todas a lutar pela tua atenção?

— Nem um pouco.

— Isso é porque a Callie foi a única mulher disposta a aceitar-te, apesar do teu historial de decadência — salientou Nick. — A minha reputação é bem melhor do que a tua, logo eu sou mais valioso. Deus me valha.

— O casamento podia fazer-te bem.

Nick ficou calado a olhar para a sua cerveja durante tanto tempo que os seus companheiros pensaram que ele não iria responder.

— Creio que todos sabemos que o casamento não é para mim. Gabriel emitiu um pequeno grunhido evasivo.

— Recordo-te que o mesmo se aplicava a mim. Nem todas as mulheres são como essa louca que quase te matou, Nick — declarou Gabriel num tom firme.

— Ela foi apenas mais uma de uma longa lista de loucas — afiançou Nick, dando um gole na sua cerveja. — Agradeço, mas aprendi que com as mulheres é melhor manter encontros breves e desapaixionados.

— Eu se fosse a ti não fazia gáudio da brevidade, St. John — interveio Rock, sorrindo para Gabriel antes de continuar: — O teu problema não são as mulheres que te escolhem, mas aquelas que tu escolhes. Se não te deixasses enrolar tão facilmente por aquelas que se fazem de vítima, eras capaz de ter mais sorte com o belo sexo.

Rock não dissera nada que Nick não soubesse. Desde a sua juventude que tinha um fraquinho por mulheres fracas. E, embora compreendesse que essa era uma das suas maiores fraquezas — tendo-lhe trazido mais desventuras do que alegrias —, parecia incapaz de lutar contra essa debilidade.

Assim, mantinha as mulheres à distância. As suas regras eram claras: nada de amantes, nada de encontros regulares e, principalmente, nada de esposas.

— Bem, seja como for — disse Gabriel, devolvendo alguma frivolidade à conversa —, vou divertir-me bastante enquanto tu tentas lidar com a tua recém-adquirida fama.

Nick fez uma pausa para beber um pouco de cerveja antes de se recostar e colocar as mãos abertas sobre a mesa.

— Lamento decepcionar-te. Não planeio lidar com coisíssima nenhuma.

— Não? E como esperas evitar a população feminina de Londres? Olha que são caçadoras exímias.

— Não podem caçar se a sua presa desaparecer — anunciou Nick.

— Vais-te embora? — Gabriel não parecia satisfeito. — Para onde?

Nick encolheu os ombros.

— É óbvio que já fiquei demasiado tempo em Londres. Vou para o continente. Ou para o Oriente. Ou até para a América. O que dizes, Rock? Andavas mortinho por uma aventura. Para onde gostarias de ir?

Rock matutou sobre as opções.

— Para o Oriente nem pensar. Não gostaria de repetir a última experiência que lá vivemos.

— Tens razão — concordou Nick. — A América será.

Gabriel abanou a cabeça.

— Mas assim estarias longe pelo menos durante um ano. Já te esqueceste que temos uma irmã que acabou de debutar e precisa de casar? Não vais deixar-me com essa tarefa às costas só porque tens medo de uma mão-cheia de mulheres.

— Uma mão-cheia?! — protestou Nick. — É um enxame! — Calou-se, pensando sobre as suas opções. — Pouco me importa para onde vou... desde que não haja lá mulheres.

Rock fez uma expressão alarmada.

— Nem uma?

Nick riu-se pela primeira vez naquela noite.

— Bem, estava a exagerar. Mas seria pedir demasiado que não tivessem lido aquela ridícula revista?

Gabriel arqueou uma das suas escuras sobrancelhas.

— Provavelmente, sim.

— St. John.

Os três cavalheiros voltaram-se ao escutar o apelido e viram o Duque de Leighton junto à mesa.

Alto e corpulento, se Leighton não tivesse sido duque, teria dado um excelente viquingue, a julgar pelo cabelo claro e por aquele rosto inexpressivo que raramente sorria. Porém, naquele dia parecia ainda mais impassível.

— Leighton! Junta-te a nós. — Nick esticou a perna e, com um pé, arrastou um banco para mais próximo da mesa. — Salva-me destes dois.

— Não posso ficar muito tempo. — As palavras do duque eram curtas. — Andava à tua procura.

— Tu e toda a população feminina de Londres — disse Gabriel com uma gargalhada.

O duque ignorou-o, mas acomodou o seu enorme corpo no banco e colocou as luvas sobre a mesa de madeira já gasta. Virando-se para Nick, quase excluindo Rock e Gabriel da conversa, declarou:

— Temo que não irás gostar do que venho pedir-te.

Apercebendo-se da angústia no rosto no amigo, Nick pediu à empregada que trouxesse um uísque.

— Isso implica matrimónio? — indagou Gabriel num tom seco. Leighton fitou-o com uma expressão atónita.

— Não.

— Então é possível que o Nick aceite o teu pedido.

O duque deu um longo trago no uísque antes de enfrentar o olhar curioso de Nick.

— Não tenho assim tanta certeza. Na verdade, não estou aqui à procura do Nick, mas sim à procura do *bulan*.

Instalou-se um demorado silêncio enquanto aquelas palavras eram digeridas pelos presentes em redor da mesa. Rock e Gabriel ficaram tensos, mas nada disseram, observando Nick atentamente. Este inclinou-se para a frente, apoiando os antebraços sobre a mesa e entrelaçando os dedos. Falou num tom calmo, não desviando o olhar de Leighton.

— Eu já não faço isso.

— Eu sei. E não estaria a pedir se não precisasse mesmo.

— E quem procuras?

— A minha irmã. Desapareceu.

Nick recostou-se.

— Não procuro fugitivos, Leighton. Devias contactar Bow Street.

Frustrado, o duque inclinou-se para a frente num movimento súbito.

— Pelo amor de Deus, St. John. Sabes que não posso fazer tal coisa. Apareceria tudo nos jornais no dia seguinte. Preciso do *bulan*.

Nick estremeceu ao escutar a palavra. Não queria voltar a ser o caçador.

— Já não me dedico a isso. Tu sabes.

— Pago-te o que for preciso.

Ralston riu-se, arrancando um grunhido do duque.

— Qual é a graça?

— A ideia de que o meu irmão aceitaria dinheiro. Não creio que o tenhas cativado para a tua causa com essa oferta, Leighton.

O duque fitou-o com o sobrolho franzido.

— Sabes, Ralston, nunca foste o meu gémeo preferido.

— A maioria das pessoas também pensa assim — afirmou Ralston.
— Garanto-te que não é coisa que me deixe mortificado. Na verdade, espanta-me que estejas aqui, que te dignes a falar connosco dadas as nossas «questionáveis origens». Não era assim que costumavas dizer?

— Gabriel, já chega. — Nick impediu o irmão de recuar muito no passado.

Leighton teve a elegância de se mostrar envergonhado.

Durante muitos anos, e apesar da sua linhagem aristocrática, os gémeos St. John haviam sido objeto do desdém do jovem Leighton. O escândalo que se abatera sobre a Ralston House quando os irmãos eram ainda pequenos — o abandono e fuga da sua mãe para o continente — transformara-os em presas fáceis das famílias mais intransigentes da sociedade, e Leighton, que frequentava a mesma turma que eles em Eton, nunca deixara de lhes recordar as ações desonrosas da sua mãe.

Até que um dia Leighton foi demasiado longe e Nick teve de o encostar a uma parede.

Esmurrar um duque não era algo que o segundo filho de um marquês pudesse fazer em Eton sem sofrer as consequências. Nick seria certamente expulso, não tivesse ele um irmão gémeo que assumira a responsabilidade pelo sucedido. O futuro Marquês de Ralston foi enviado para casa um pouco antes do final das aulas, e Leighton e Nick haviam estabelecido umas hesitantes tréguas.

A trégua transformara-se numa frágil amizade — que florescera depois de terem deixado Eton, e se fortalecera durante os anos em que Nick estivera no continente. Leighton já havia então herdado o ducado e a fortuna que o acompanhava e financiara algumas das expedições de Nick e Rock pelo Oriente.

O duque havia desempenhado um papel importante no nascimento do *bulan*.

Porém, Nick já não era esse homem.

— O que se passou?

— Nick... — Rock falou pela primeira vez desde que o duque chegara, mas Nick levantou a mão, interrompendo-o.

— Simples curiosidade.

— Sei apenas que saiu de casa levando algum dinheiro e algumas coisas que considerava insubstituíveis.

— E foi-se embora porquê?

Leighton abanou a cabeça.

— Não sei.

— Existe sempre uma razão.

— Pode até bem ser... mas não faço ideia de qual seja.

— Quando?

— Há duas semanas.

— E só agora vens falar comigo?

— A minha irmã tinha planeado uma viagem para visitar uma prima em Bath. Só dez dias após a sua partida é que me dei conta de que mentira.

— Foi a dama de companhia que te contou?

— Amedrontei-a até conseguir que me confessasse finalmente que a Georgiana tinha ido para norte. Não sabia mais nada. A minha irmã ocultou muito bem o seu rasto.

Nick recostou-se na cadeira a matutar e sentiu uma estranha energia percorrer todo o seu corpo. Alguém tinha ajudado a rapariga. E continuava a ajudá-la, uma vez que não desistira e voltara para casa. Há muitos anos que não seguia o rasto de ninguém e já se esquecera do prazer associado a uma nova busca.

Mas essa já não é a sua vida.

Fitou o olhar preocupado do duque.

— É minha irmã, Nick. Sabes que não te pediria se tivesse outra opção.

Aquelas palavras atingiram o coração de Nick. Também ele tinha uma irmã e faria qualquer coisa para a proteger.

Raios.

— Senhor?

Nick virou-se para a hesitante voz feminina, e viu duas jovens que o observavam ansiosamente.

— Sim? — respondeu de forma cautelosa.

— Nós... — começou uma delas, calando-se logo em seguida. A outra deu-lhe uma cotovelada para que prosseguisse.

— Sim?

— Somos admiradoras.

Nick pestanejou.

— De quê?

— Suas.

— Minhas?

— Claro! — A segunda rapariga mostrou um enorme sorriso e aproximou-se com o que parecia...

Nick praguejou em voz baixa.

— Importava-se de autografar a nossa revista?

Nick levantou a mão.

— Teria todo o prazer, mas estão a falar com o irmão errado. — Apontou para Gabriel. — *Aquele* é que é o Lorde Nicholas.

Rock riu ao mesmo tempo que as duas raparigas desviavam a sua atenção para o Marquês de Ralston, uma deslumbrante cópia da sua presa, e soltavam um risinho excitado.

Gabriel não demorou a entrar no papel, dirigindo um ofuscante sorriso às jovens.

— Terei todo o gosto em autografar a vossa revista. — Aceitou o exemplar e a caneta que elas lhe estendiam enquanto acrescentava: — Devo confessar que esta é a primeira vez que capto a atenção das mulheres na companhia do meu irmão. O Ralston sempre foi considerado o mais atraente dos dois.

— Não! — protestaram as raparigas.

Nick revirou os olhos.

— A sério. Perguntem a quem quiserem. Vão dizer-vos que o marquês é o mais encantador. De certeza que já ouviram falar disso. — Fitou-as com um sorriso cativante. — Podem admiti-lo, senhoritas. Não ficarei magoado.

Gabriel levantou a revista, exibindo a capa onde podia ler-se: *No interior! Os Lordes Mais Cobiçados de Londres!*

— Sim... não há dúvida que isto fará maravilhas pela minha reputação. Alegra-me que o mundo saiba que procuro uma esposa!

As raparigas suspiraram.

Repugnado, Nick olhou para Leighton:

— Disseste para norte?

— Sim.

— O norte é um lugar vasto. A busca pode demorar várias semanas — alertou Rock.

**Quando se trata de criar histórias de amor cativantes,
com tanto de sensualidade como de humor,
poucas autoras se comparam a Sarah MacLean.**

CHICAGO TRIBUNE

O fascinante Nicholas St. John tem sido objeto de assédio por todas as jovens em idade de casar desde que foi nomeado *O Lorde Mais Cobiçado de Londres* por uma revista conceituada. E por isso procura fugir, sempre que possível, dos eventos sociais onde é cortejado e perseguido. Até que, inesperadamente, encontra uma mulher diferente de todas as outras: misteriosa, independente, decidida, mas ao mesmo tempo sensual.

Lady Isabel Townsend, irmã do atual Conde de Reddich, é uma mulher atraente, com muitos segredos e pouco dinheiro. Embora Isabel sempre tenha cuidado de si própria, a morte recente do seu pai deixou-a perdida e a precisar urgentemente de ajuda. Lorde Nicholas é o alvo perfeito para o golpe da sua vida... ela só tem de seguir os dez segredos que lhe garantam este homem desejável. Mas Isabel precisa de ser cautelosa e não fazer nada imprudente e tolo, como entregar-se ao amor.



APAIXONE-SE PELOS OUTROS ROMANCES DA AUTORA



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8855-27-5 9 789898 855275 Ficção Romântica
---	---